

Antropólogo contesta relatos e diz que canibalismo é mito

Será o canibalismo um mito? É o que julga o antropólogo William Arens, da Universidade do Estado de Nova Iorque, interessado num tema que estudou a partir da pergunta de um estudante. Arens não questiona os casos de canibalismo ligados à sobrevivência, como o ocorrido com os sobreviventes do célebre desastre de aviação nos Andes em 1972. Ele lança dúvidas é sobre o canibalismo como prática normal de grupos humanos, como sempre se afirmou ter ocorrido entre os indígenas da Nova Guiné ou entre os índios brasileiros da época do descobrimento.

Afinal, antropólogos do renome de Margareth Mead escreveram a respeito das práticas canibalísticas da tribo Fore, da Nova Guiné, e um cientista, D. Carleton Gajdusek, do Instituto Nacional de Neurologia dos Estados Unidos, ganhou um Prêmio Nobel de Medicina em 1976 por seus estudos da enfermidade kuru, um tipo de doença degenerativa do sistema nervoso que ataca os fore e que se diz ser resultado do canibalismo entre eles.

Manifesto antropofágico

Arens contesta também os relatos do alemão Hans Staden sobre o canibalismo entre os índios tupinambás no Brasil. Descrita num livro publicado no século 16, a prática atribuída aos tupinambás deu origem a inúmeras obras de ficção e até batizou o movimento literário encabeçado por Oswald de Andrade com seu Manifesto Antropofago de 1928. Nossa geração encantou-se com os filmes Como era Gostoso o Meu Francês e Macunaíma; e um best-seller recente, o livro Viva o Povo Brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro, também relembra as práticas antropofágicas de nossos ancestrais indígenas. Se tudo isso se revelar um mito, muita coisa terá que ser revista.

O que lançou a dúvida na cabeça do professor americano William Arens é o que ele chama de alto grau de questionabilidade dos depoimentos existentes. Para começar, afirma Arens, nenhum povo jamais se admitiu canibal. Ou os membros de uma tribo acusam seus inimigos de serem canibais ou, então, admitem que já foram canibais no passado, "antes de se tornarem civilizados." No caso dos africanos, diz Arens, eles acusavam os europeus de serem canibais, enquanto estes afirmavam que eram os africanos os antropófagos. Em 1970, quando o antropólogo John Middleton, da Universidade de Yale, trabalhou com a tribo dos Lubgara, de Uganda, a tribo passou a defini-lo como "um daqueles raros europeus que não comem bebês africanos."

Como explica Arens para a revista americana Science: "Eu logo percebi que a acusação de canibalismo tinha sido aplicada a todos os grupos humanos, em uma ocasião ou outra." Margareth Mead, diz ele, que visitou a Nova Guiné nos anos 20 e 30 deu ao segundo capítulo de seu livro sobre as tribos locais o título Vida pacífica em uma tribo de canibais. Mas ela reconhece nunca ter testemunhado um ato de canibalismo, por ter sido esta prática proibida pelo governo colonial inglês três anos antes de sua chegada.

Os fore sofrem do kuru, uma doença neurológica degenerativa causada por um vírus que habita o cérebro. Para o Prêmio Nobel Carleton Gajdusek os nativos são infectados



pelo vírus ao comerem cérebros humanos. Gajdusek afirma ter fotos documentando os banquetes antropofágicos dos fore, mas nega-se a mostrá-las por afirmar que são muito ofensivas. O que levou outro antropólogo, Lyle Steadman, da Universidade do Arizona, a acusá-lo de não possuir prova nenhuma. Para Steadman, a doença kuru foi trazida pelos europeus, sendo uma variante da doença de Creutzfeldt-Jakob conhecida na Europa. Os fore seriam infectados aos manusearem os corpos dos parentes mortos em suas cerimônias fúnebres.

Mulheres canibais

O canibalismo entre os fore é também apontado como sendo uma prática principalmente feminina. Segundo os relatos, as mulheres fore é que seriam os canibais mais terríveis, combinando atos sexuais bizarros com o consumo de carne humana. Mas, para Arens, se o canibalismo é considerado uma perversão pelas tribos vizinhas, como os pacíficos arapesh, então as perversões sexuais das mulheres fore teriam atraído sobre elas a acusação de canibalismo.

É claro que Gajdusek discorda violentamente e acusa: "Toda a Austrália sabe que essa gente é canibal, número nativos já foram presos pelas autoridades australianas acusados de canibalismo. Os antropólogos que questionam as evidências nunca saíram de suas faculdades para ir até a Nova Guiné examinar as centenas de casos que ocorrem por lá".

"Ghost-writers"

Entre os índios brasileiros da época do descobrimento, os tupinambás ficaram célebres como canibais graças aos relatos do alemão Hans Staden, capturado por eles quando seu navio naufragou no litoral da Capitania de São Vicente (Estado do Rio), no século 16. Apesar de ter, como disse, testemunhado inúmeros banquetes antropofágicos, Staden sobreviveu a

eles e acabou retornando à Europa, onde contou tudo num livro célebre sobre os primeiros tempos do Brasil colonial.

Mas o antropólogo americano também põe em dúvida o relato de Staden. Segundo Arens, A Verdadeira História e Descrição de Um País de Selvagens, Um Povo Terrível Que Anda Nu e Come a Carne dos Homens, (ou viagem ao Brasil, na edição em Português), por Hans Staden foi na verdade escrito por um time de ghost-writers contratados por Staden e que nunca estiveram no Brasil. Arens aponta para inúmeras inconsistências no relato, como a descrição do diálogo em que os índios decidiam se deveriam derover ou não o aventureiro, no dia de sua captura. Como, pergunta Arens, Staden poderia entender o que os índios diziam no dia de sua chegada? Em outra cena, o herói lê um salmo em alemão e os índios respondem prontamente. Tudo isso leva Arens a acreditar que Staden fantasiou o que viu, de modo a tornar seu livro um best-seller entre os europeus ávidos de histórias fantásticas sobre o Novo Mundo.

Não contente em negar a antropofagia em tempos históricos, William Arens também duvida que ela tenha existido na pré-história. Segundo ele, as escavações em cavernas dos homens de Neanderthal, que mostram ossos humanos arranhados como se tivessem sido parte de corpos esquartejados e descarnados, levaram à idéia de que os homens de Neanderthal fossem canibais. Mas Arens argumenta que as marcas nos ossos poderiam ter resultado dos rituais comuns entre os homens primitivos. Eles costumavam exumar seus mortos, limpar os ossos e fazer um segundo enterro.

Para Lyle Steadman, toda a evidência do canibalismo evapora quando se examina mais cuidadosamente os relatos. "É interessante," diz este defensor das idéias de Arens, "que a idéia do canibalismo esteja conosco desde o tempo dos antigos gregos mas nenhum relato incontestável jamais tenha sido obtido".